

# A LEGITIMAÇÃO DOS ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA: UM APORTE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

*The legitimation of the theoretical-methodological elements of discourse analysis in Brazilian Information Science: a content analysis approach*

Larissa de Mello Lima (1), João Batista Ernesto Moraes (2)

(1) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Avenida Hygino Muzzi Filho, 737, larissalima.unesp@gmail.com. (2) jota@marilia.unesp.br

## Resumo

Busca-se neste artigo verticalizar o olhar sobre a Análise do Discurso por meio de um estudo calcado na análise de conteúdo (Bardin, 1977) baseado em uma reflexão sobre como os precursores teóricos da Análise do Discurso Francesa estão sendo utilizados pelos teóricos da Ciência da Informação, a fim de ampliar o leque de possibilidades teórico-metodológicas para os pesquisadores da Ciência da Informação. O problema gira em torno da seguinte questão: De que forma a apropriação interdisciplinar realizada pela Ciência da Informação Brasileira em relação às teorias da Análise do discurso reflete, de fato, as teorias precursoras desta última? Para delinear possíveis respostas para esta questão, realiza-se neste artigo uma análise de conteúdo que, ao contrário do postulado por Bardin (1977) que considera a análise do discurso como um dos procedimentos da Análise do conteúdo, mostra como a Análise do discurso possui autonomia disciplinar e teórica-metodológica para auxiliar em um estudo de análise de conteúdo. Como resultado é possível dizer que o processo de legitimação da análise do discurso pelos estudos da Ciência da Informação é pertinente pois trabalha nas articulações de teorias para soluções de questões práticas no que tange ao trabalho do bibliotecário escolar, por exemplo.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Matriz Francesa; análise de conteúdo; Ciência da Informação

## 1 Introdução

É possível enquadrar a Análise do Discurso (AD) enquanto uma metodologia viável, no escopo dos estudos das Ciências Sociais. A partir desta perspectiva, a Ciência da Informação no Brasil, enquanto área das Ciências sociais aplicadas, tem galgado, ao longo dos últimos 10 anos, a incorporação de alguns elementos teórico-metodológicos da Análise do discurso em seus estudos. (Freitas 2001; Ferrarezi and Romão 2010; Lima 2015; Romão; 2009).

A problemática é configurada a partir da seguinte reflexão: de que forma a apropriação interdisciplinar rea-

## Abstract

This article focuses on Discourse Analysis through a study based on content analysis (Bardin, 1977), which is based on a reflection on how the theoretical precursors of French discourse analysis are being used by Information Science theorists, in order to expand the range of theoretical-methodological possibilities for Information Science researchers. The problem revolves around the following question: How does the interdisciplinary appropriation carried out by the Brazilian Information Science in relation to Discourse Analysis theories reflect, in fact, the percussive theories of the latter? In order to delineate possible answers to this question, a content analysis is carried out in this article, which contrary to what Bardin postulates, does not consider discourse analysis as one of the procedures of Content Analysis, but rather shows how Analysis of discourse has theoretical-methodological autonomy to aid in a content analysis study. As a result, it is possible to say that the process of legitimizing the analysis of discourse by the studies of Information Science is pertinent because it works in the articulations of theories for solutions of practical questions regarding the work of the school librarian, for example.

**Keywords:** Discourse Analysis; French approach; Content analysis; Information Science.

lizada pela Ciência da Informação brasileira das teorias da Análise do discurso reflete, de fato, as teorias precursoras desta última? Para delinear possíveis respostas a esta questão, este artigo realiza uma Análise de conteúdo de Bardin (1977), na medida em que serão analisadas teorias recortadas e adequadas à Ciência da Informação a partir de teorias amplas da filosofia da linguagem e linguística que formam o arcabouço teórico da Análise do Discurso. Busca-se então neste artigo, a aliança entre a análise do discurso e análise de conteúdo, apesar de suas diferenças metodológicas e conceituais.

De maneira mais específica, interessa-nos, em um primeiro momento, verificar se os teóricos da Análise do Discurso de matriz Francesa, utilizados pelos estudiosos da Ciência da Informação, são, de fato, os precursores teóricos desta primeira. Em um segundo momento, pretendemos percorrer as explanações sobre Análise do Discurso Francesa que vem subsidiando os estudos da Ciência da Informação. Por fim, interessa-nos pontuar como os estudos da CI no Brasil que utilizam a Análise do Discurso Francesa legitimam os elementos teóricos-metodológicos desta última.

Para percorrer tais etapas de maneira satisfatória buscamos na base de dados BRAPCI o termo "Análise do Discurso Francesa" no campo dos resumos. A escolha da base se deu devido à sua configuração como principal base de dados referencial dos artigos da área da CI em nível nacional.

A partir daí, realizou-se uma análise qualitativa dos artigos recuperados na busca por meio de citações indiretas ao longo de cada um dos trabalhos que retomaram os teóricos Michel Pêcheux e Eni Pulcinelli Orlandi. Cada uma das citações indiretas foi trabalhada verticalmente, ou seja, as citações indiretas foram analisadas em contraposição com a teoria da obra original a que fazem referência.

Acreditamos que este trabalho se enquadra enquanto um estudo de análise de conteúdo, na medida em que são analisadas teorias de disciplinas como a filosofia da linguagem e linguística - que formam o arcabouço teórico da Análise do Discurso - recortadas e adequadas à Ciência da Informação.

Entende-se neste artigo que a perspectiva interdisciplinar é enriquecedora para os estudos da Ciência da Informação, sendo extremamente viável um olhar aprofundado partindo de um aporte metateórico sobre a teoria de áreas tão importantes com as quais a Ciência da Informação dialoga constantemente.

## 2 Paralelo teórico entre a Ciência da Informação e a Análise do Discurso Francesa: uma busca na Brapci

No nível teórico da Análise do discurso, é importante pincelar que Barros (2014) apresenta uma crítica a esta relação entre análise do discurso e explicação de textos preconizada no cenário Francês, pois a considera um equívoco levando-se em consideração que o processo de análise nunca é neutro, fechado em si mesmo. Tal crítica de Barros dialoga com o que Pêcheux (2012, p.74) postula sobre como não se deve analisar um discurso:

É impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas [que] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido de condições de produção (Pêcheux, 1994, p.74).

A reflexão começa a ganhar delineamentos mais marcantes a partir do diálogo que Pêcheux e Fuchs propõem sobre a demarcação entre discurso e texto, com a publicação em 1975, de "Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio". Tal perspectiva de evolução dos estudos do campo discursivo será delineada nas próximas seções.

Para fins deste estudo, realizou-se na Brapci uma busca do termo "Análise do Discurso Francesa", a fim de recuperarmos os artigos que tratavam do assunto no contexto dos estudos da Ciência da Informação. O resultado é ilustrado na Tabela I a seguir:

<i>Autores</i>	<i>Título do artigo recuperado</i>
Cruz, Denise Viuniski da Nova; Romão, Lucília Maria Sousa.	1 Movimentos de Espinosa em Pêcheux
Ferrarezi, Ludmila; Romão, Lucília Maria Sousa	2 Nos labirintos da Rede Eletrônica: o silêncio da Biblioteca escolar
Romão, Lucília Maria Sousa	3 Clarice Lispector - A hora da estrela: o discurso no panfleto da exposição
Ferrarezi, Ludmila; Romão, Lucília Maria Sousa	4 Sentidos de biblioteca escolar no discurso da Ciência da Informação
Ferrarezi, Ludmila; Romão, Lucília Maria Sousa	5 O dizer dos documentos oficiais: a normatização como efeito de sentidos sobre a biblioteca escolar.
Pereira, Edmeire Cristina	6 O cavalo de Tróia de Michel Pêcheux: uma breve reflexão sobre a análise automática do discurso
Schwaab, Reges Ton	7 Pra ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio do dispositivo da análise do discurso

Tabela 1: Resultado da busca na base BRAPCI

Conforme indica a tabela, foram recuperados sete artigos. No entanto, optamos por não considerar na análise qualitativa o artigo "Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio do dispositivo da Análise do Discurso" na medida em que não é realizado paralelo nenhum entre a Análise do Discurso e a Ciência da Informação.

A tabela elaborada preconizou a confecção de um gráfico que nos permitiu visualizar que não há uma grande dispersão de autores no tocante à temática pesquisada, uma vez que dos seis artigos recuperados, a professora Lucília Maria Sousa Romão participou de cinco alterando a posição de autoria entre primeira e segunda.

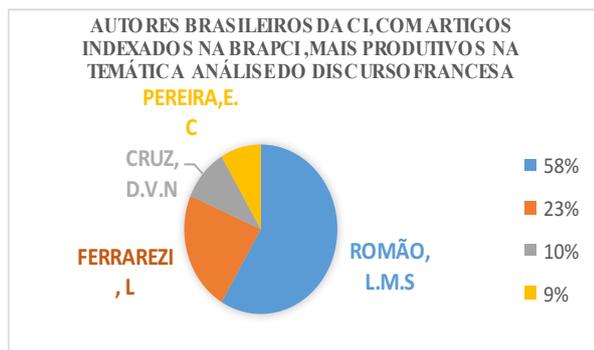


Figura 1: Visualização dos dados

Também se torna interessante ressaltar que, na figura 1 acima, as professoras Denise Viuniski da Nova Cruz e Edmeire Cristina Pereira possuem cada uma apenas um trabalho recuperado na busca, mas apesar disso, a pesquisadora Denise Viuniski da Nova Cruz é mais produtiva na área de Análise do Discurso por conta de seu artigo ser em parceria com a professora Lucília Maria Sousa Romão que representa, neste recorte, a autora mais produtiva na temática.

Lucília Maria Sousa Romão, Ludmila Ferrarezi e Denise Viuniski da Nova Cruz possuem vínculo institucional com a USP, sendo possível afirmar através do gráfico acima que elas são as autoras mais produtivas dos artigos sobre a Análise do discurso de matriz francesa no Brasil, indexados na base Brapci. Ou seja, a política científica e institucional da Análise do Discurso Francês no Brasil se enquadra nos dizeres legitimados e propagados pela USP através deste pequeno domínio de pesquisadoras.

Faz-se pertinente dissertar brevemente sobre a questão do domínio no âmbito dos estudos da Organização do Conhecimento e, para tanto, recorre-se aos apontamentos de Smiraglia (2011) sobre análise de domínio que entende enquanto o estudo da evolução de determinado discurso que está no entorno das matrizes teóricas de uma comunidade de pesquisa.

O foco deste estudo não é fazer uso da Análise de domínio enquanto aporte metodológico, nem mesmo fazer um aprofundamento teórico sobre a mesma, porém acredita-se ser necessário pontuar que seu alcance é tão amplo que a análise quantitativa de dados deste estudo metateórico trouxe um domínio de pesquisadores enveredados por determinados discursos e filiados a matrizes teóricas bem demarcadas.

Na próxima subseção deste trabalho, são descritos alguns elementos teóricos da metateoria, com o objetivo de estabelecer um elo entre ela e a Análise do Discurso Francês.

### 2.1 Elementos da Análise de Conteúdo

Os estudos de Análise de conteúdo possuem espaço legítimo nos estudos da Ciência da Informação, mais

especificamente no âmbito da Organização do Conhecimento. Este espaço é ocupado pelos esforços de Bardin (1977), que percebeu um solo fértil para seus estudos prosperarem nos Estados Unidos, no século XX, impregnado do positivismo tradicional.

Ressalta-se o pioneirismo de Bardin (1977) ao explicar a análise de conteúdo como uma amálgama composta de diversas formas para descrever o conteúdo que se emite no processo comunicativo tendo a fala e o texto como meio. Neste estudo, especificamente, a atenção se dá para os textos. Desta forma pode-se entender, de forma concisa, que a análise de conteúdo é, segundo Bardin (1977), “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”.

No plano metodológico, a querela entre a abordagem quantitativa e a abordagem qualitativa absorve certas cabeças. Na análise quantitativa o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a presença ou ausência de uma dada característica do conteúdo (Bardin, 1977)

Neste caso, o interesse é interligar o rigor do método quantitativo da análise de conteúdo quando, por exemplo, na seção anterior foi realizada a busca na base Brapci do assunto “Análise do Discurso Francês”, e a partir dos resultados confeccionou-se a Tabela I, tornando possível a construção do gráfico I que mostra a ínfima dispersão na temática pesquisada, em relação à análise qualitativa que buscará verificar se nos artigos da CI que tratam sobre a Análise do Discurso, há consonância com a obra original a que se referem. Nesta parte de análise qualitativa vamos verificar conforme Bardin “uma dada característica do conteúdo”, mas calcando-se também na riqueza de aprofundamento teórico-metodológico da Análise do Discurso Francês que nos mostra a influência da esfera política e das instâncias de poder.

Bardin (1977) aborda a análise do discurso como uma técnica da análise de conteúdo. Neste trabalho busca-se mostrar que é pertinente o trabalho conjunto entre a Análise do Discurso e a análise de conteúdo. Porém, a AD, por sua história e trajetória, não seria uma técnica da análise de conteúdo, mas sim uma outra metodologia que ligada com a Análise de conteúdo, traz riqueza teórico-ideológica para a área.

### 2.2 Elementos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Francês

Acredita-se ser importante retomar brevemente o contexto histórico pelo qual a França passava para contextualizar os mecanismos que tornaram possível dar importância para os estudos centrados no sujeito da linguagem e, por conseguinte, o discurso. Michel Pêcheux, filósofo de formação, começa a realizar uma forte ligação entre a Filosofia e as Ciências Sociais a partir de uma série de estudos centrados na língua. (Henry, 1997)

Tal perspectiva está ligada ao movimento de negação ao estruturalismo que irrompe na França em meados da década de 1960 e que buscava combater o excesso de formalismo e padronização dos elementos da linguagem tratados, por influência dos postulados de Saussure, de maneira estrutural.

Em “Curso de linguística geral”, Saussure afirma que língua e fala são diferentes, possuindo relação de oposição. Para Saussure a língua é o conjunto de signos estruturados, o todo, que uma comunidade utiliza para se comunicar, ou seja, é algo coletivo e social. Já a fala, ele denomina como algo individual, particular, é a maneira como as pessoas usam a língua. Embora diferentes, elas se completam, são dependentes uma da outra. A língua, para que possa existir, se estabelecer, precisa de falantes. Desta maneira, a fala também precisa de um modo para existir, um código, uma ferramenta. Saussure fez seu estudo sobre a língua, pois, segundo ele, era propícia para aprofundamento naquele momento, deixando a fala de lado (Saussure, 1973).

Ao mesmo tempo em que deixou a fala em segundo plano, Saussure deixa aberto um campo de estudo rico e até então sem aprofundamento teórico.

Ao interligar estes fatores listados acima; o excesso de formalismo linguístico somado ao sujeito que conduz a fala sendo deixado em segundo plano, Pêcheux e seus seguidores criam a Análise do Discurso Francesa. O marco inicial da corrente teórica foi fixado no lançamento paralelo, em 1969, da obra “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux, e da Revista *Languages* criada por Jean Dubois (Gregolin, 1996; Maingueneau, 1997).

Torna-se legítimo afirmar que eles possuíam um solo fértil para germinar teorias centradas no sujeito até então esquecido. Pêcheux retoma, por exemplo, elementos da teoria do inconsciente coletivo de Lacan para dar conta de falar sobre o papel desempenhado pelo sujeito nos discursos. Além a questão da ideologia é colocada em primeiro plano. O autor afirma que “a ciência é antes de tudo a ideologia com a qual rompe”. Para falar dela, ele retoma Louis Althusser, de quem foi aluno, que a encara enquanto o que “interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (Althusser, 1998), sendo reflexo de uma representação entre a realidade e o sujeito. Seu percurso teórico e metodológico na Análise do Discurso Francesa é sustentado na pirâmide que busca articular o materialismo histórico com a teoria da ideologia, a linguística focando nos processos de enunciação, e a teoria do discurso que coloca em centro a teoria de determinação histórica dos processos semânticos (Orlandi, 1999).

### 2.2.1 Análise do discurso no Brasil

Para falar sobre a escola brasileira de Análise do Discurso, é necessário percorrer os desdobramentos teóricos da obra de Michel Pêcheux no território brasileiro

que, devido às suas características históricas, desenvolveu-se de maneira diferente daquele presente no território francês. Devido ao percurso da análise do discurso no Brasil, é possível dizer que ainda se fala muito em Pêcheux.

A sua introdução no Brasil sofreu grande influência do regime militar em 1964 até meados da década de 1980. Costuma-se dizer que, no final dos anos 70 e no início dos anos 80, a análise do discurso foi instaurada no Brasil – mais especificamente na UNICAMP -, onde a professora Eni Pulcinelli Orlandi ministrava os primeiros cursos devido ao enfraquecimento pelo qual passava a ditadura militar nesse período. A autora pondera a respeito da análise do discurso no Brasil

Análise de Discurso institucionaliza-se amplamente – não sem algumas resistências, alguns antagonismos – e, com sua produção e alcance teórico, configura-se como uma disciplina de solo fértil, com muitas consequências tanto para a teoria como para a prática do saber linguístico. (Orlandi, 1999, p. 9)

O principal ponto é que, diferente do que aconteceu na França, as análises dos textos foram separadas, ficando uma relacionada aos textos escritos e outra preocupada com a oralidade. No Brasil, a análise do discurso manteve o interesse em ambos os tipos de produções, dando uma sustentação diferente ao método e ao uso da mesma.

### 3 Abordagem de Análise de conteúdo na Análise do Discurso Francesa de artigos indexados na base BRAPCI

Neste momento apresentamos as análises dos artigos recuperados, com o aporte de interligar a análise do conteúdo com a análise do discurso.

Busca-se explicar de maneira verticalizada como é tratada a teoria original da análise do discurso dentro dos seis artigos da Ciência da Informação. Para tanto, confeccionamos quadros comparativos para cada artigo analisado, contrapondo as citações indiretas a Michel Pêcheux e Eni Pulcinelli Orlandi e a teoria na obra original.

Em contraposição às citações indiretas nos artigos recuperados, apresentamos as partes do texto original da obra retomada pelos autores da CI. Neste contexto, identificamos teorias retomadas de 3 obras, a saber: “Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux”, livro traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi e que reúne artigos publicados pelo autor na Revista *Languages*. Os capítulos identificados são: (1) Pêcheux, M.; Fuchs, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas, de 1975; (2) Pêcheux, Análise do discurso: três épocas, de 1983. As duas outras obras identificadas são livros publicados por Eni Pulcinelli Orlandi: (1) Orlandi, E.L.P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999. (2)

Orlandi, E. L. P. *Discurso e leitura*. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

<i>Artigo 1</i>	<i>Obra Original</i>
Consideramos, desse modo, ser a memória constitutiva da linguagem dos movimentos de sentidos do sujeito, o que nos possibilita olhar para o panfleto da exposição já citada como discurso, como lugar em que várias vozes se enredam e se cruzam e como espaço em que se materializa o interdiscurso. (Pêcheux, 1983) In: (Romão, 2009, p. 79)	A noção de interdiscurso é introduzida para designar "o exterior específico" de uma FD enquanto este irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida a lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é, pois, conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um além exterior e anterior. Pêcheux, M. <i>Análise do discurso: três épocas</i> (1983). p. 314 In: uma introdução à obra)

Tabela 2: *Artigo 1 versus obra original*

No artigo 1, "Movimentos de Espinosa em Pêcheux", não é realizado nenhum paralelo efetivo entre a *Análise do Discurso Francesa* e a *Ciência da Informação*. O artigo faz citação indireta à um trabalho importante de Michel Pêcheux que sistematizava toda a teoria do discurso que o mesmo criou dividindo-a em três épocas. É retomado o conceito de interdiscurso sem uma explicação sobre o mesmo. Interdiscurso é um conceito norteador na *Análise do Discurso Francesa*. Interdiscurso, conforme assinalado na obra original de Pêcheux, são enunciados que não se enquadram nas formações discursivas, mas que nem por isso possuem menos importância, na medida em que são eles que fazem a ponte entre formações discursivas diversas.

<i>Artigo 2</i>	<i>Obra Original</i>
Esta apresentação de diretrizes, legitimadas por órgãos cuja autoridade é reconhecida, constitui-se como uma "receita", uma regularidade repetitória que aparece em diversos outros discursos formulados por sujeitos atuantes nas bibliotecas, pesquisadores. Tais dizeres ancorados nessa <i>formação discursiva</i> , inscrevem a biblioteca no plano do ideal, do "irreal", do que "deveria ser" e não do que "é". A inserção da biblioteca escolar, nessa posição discursiva a distância de sua posição social, prejudicando-se assim a compreensão sobre suas particularidades e problema, ao mesmo tempo em que não se propõem mu-	A espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas de que acabamos de falar "comportam-se necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias <i>formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito</i> (articulado sob a forma de uma harena, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura" isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos, então, que toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas.

danças a partir da reflexão sobre os mesmos In: (Romão; Ferrarezi, 2008a, p. 335.)	Pêcheux, M.; Fuchs, C. <i>A Propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas</i> . 1975. P. 166 In: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux, 1997.
---	---

Tabela 3: *Artigo 2 versus obra original*

No artigo 2, "Nos labirintos da Rede Eletrônica: o silêncio da Biblioteca Escolar", realiza-se um paralelo efetivo entre a *Análise do Discurso Francesa* e a *Biblioteconomia*. No que tange às dificuldades pelas quais passam o bibliotecário que atua na biblioteca escolar, é utilizado o conceito de formação discursiva para exemplificar que o que é determinado por normas e diretrizes não condiz com o que acontece na realidade do dia a dia da biblioteca escolar. A relação com o conceito de formação discursiva no capítulo escrito por Pêcheux e Fuchs é de consonância na medida em que formação discursiva, explicada por estes, é o que determina o que pode ou não ser dito dentro de determinado contexto.

<i>Artigo 3</i>	<i>Obra Original</i>
Ao questionar a leitura do bibliotecário como mera adequação a métodos de tratamento de textos, Lucas (2000, p.50), por sua vez, refere-se à divisão de trabalho, apontada por Pêcheux (1975) <i>pela qual os leitores de arquivos atuam conforme duas culturas – a literal e a interpretativa</i> . Nessa linha de raciocínio, a autora infere que o trabalho do bibliotecário encaminha-se de modo a literalizar sentidos. In: (Pereira, 2007, p.216)	Os "restos", que não estavam tão mal (e que demoram a morrer!), de um espiritualismo filosófico adepto de uma concepção religiosa da leitura: da hermenêutica literária, perseguindo os "temas" através das "obras", a concepção fenomenológica do "projeto" como projeção do sentido sobre a matéria verbal, pelo poder constituinte do sujeito-leitor... a ideia de que o sentido dos textos é o correlato de uma consciência-leitora instalada numa subjetividade "interpretativa" sem limites. - Mas também as formas secularizadas, mais cotidianas, daquelas práticas espontâneas da leitura que, sob as múltiplas formas da "análise de conteúdo", estavam invadindo as ciências humanas. Pêcheux, M; Fuchs, C. <i>A Propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas</i> . 1975. p. 177. In: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux, 1997.

Tabela 4: *Artigo 3 versus obra original*

No artigo 3, "Clarice Lispector – A hora da estrela: o discurso no panfleto da exposição", é estabelecido um paralelo efetivo entre a *Análise do Discurso* e a *Ciência da Informação* na medida em que é discutido no artigo a questão da leitura do bibliotecário retomando de forma muito clara e sintética o que Pêcheux teorizou sobre a interpretação (leitura) ser feita seguindo o que o cor-

pus diz; “o literal”, e a interpretativa que considera a subjetividade do leitor.

<i>Artigo 4</i>	<i>Obra Original</i>
Na lista de discussão de profissionais e estudantes de Biblioteconomia e Ciência da Informação, denominada Bibamigos**, chamou-nos a atenção um tópico intitulado “Silêncio na biblioteca”, que gerou seis mensagens, publicadas entre os dias 6 e 9 de maio de 2009 e analisadas neste artigo. Nelas, o silêncio é discursivizado de diferentes formas, segundo as posições ocupadas imaginariamente por sujeitos na posição de bibliotecários. Criou-se um espaço de discussão, descontraído, no qual se pede e dá sugestões, e até mesmo faz-se brincadeiras sobre a difícil tarefa de implantar o silêncio na biblioteca escolar. <i>Consideramos que a Internet permitiu a emergência do discurso polêmico, ou seja, aquele em que há um equilíbrio entre polissemia e paráfrase</i> (Orlandi, 1999). In: Ferrarezi; Romão (2010, p. 182)	Quando pensamos discursivamente a linguagem é difícil traçar limite entre o mesmo e o diferente, daí consideramos que todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásicos e polissêmicos. <i>Os processos parafrásicos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Ao passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.</i> In: Orlandi (1999, p. 36)

Tabela 5: *Artigo 4 versus obra original*

No artigo 4, "Sentidos de biblioteca escolar no discurso da Ciência da Informação", a discussão em voga é o silêncio na biblioteca escolar, havendo mais uma vez um paralelo efetivo entre a Análise do Discurso Francesa e a Biblioteconomia, na medida em que o artigo analisou conversas informais em um fórum de bibliotecários da internet sobre a temática. A partir daí, colocou-se em voga a questão das relações de poder que permeiam a figura do sujeito bibliotecário que é discursivizado e acredita ser dono do próprio dizer. Conclui-se que no fórum de discussão, o discurso é polêmico havendo equilíbrio entre a paráfrase e a polissemia. Referência a uma das teorias mais importantes da professora Orlandi ao enquadrar em tipologias com aporte da linguística a questão que faz o sujeito do discurso retomar outros discursos em sua argumentação de maneira controlada, colocando em questão a paráfrase a polissemia. Acredita-se que os bibliotecários que participaram do fórum não misturam dizeres de outros discursos de forma explícita, mas ao mesmo tempo não focam em apenas uma enunciação legitimada.

<i>Artigo 5</i>	<i>Obra Original</i>
Entendendo a língua como uma prática social, procuramos analisar as relações existentes entre os sentidos de biblioteca escolar, que não são transparentes, naturais ou ingênuos, visto que se sustentam em relações ideológicas. Assim sendo, buscamos observar, através dos discursos sobre esta unidade informacional, as relações de força existentes entre os sujeitos que são levados à significá-la de determinada maneira, e não outra, através de sentidos que são repetidos, interditados ou deslocados. Para emprendermos esta tarefa, lançamos mão da Análise do Discurso Francesa que, segundo Orlandi (2000), <i>não procura extrair o sentido do texto, mas busca compreender o processo discursivo.</i> In: Romão; Ferrarezi (2008b, p. 30)	Feita a análise, não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso. Uma vez atingido o processo discursivo, que é o que faz o texto significar, o texto, ou os textos particulares analisados desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual eles — e outros que nem mesmo conhecemos — são parte. Sem esquecer que todo dizer, discursivamente, é um deslocamento nas redes de filiações (históricas) de sentidos (Pêcheux, 1975, p.57) Processo discursivo: entendido como o resultado da relação regulada de objetos discursivos correspondentes a superfícies linguísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas. Pêcheux, M; Fuchs, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (1975. p.182). In: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux, 1997.

Tabela 6: *Artigo 5 versus obra original*

No artigo 5, "O dizer dos documentos oficiais", buscase analisar as relações entre os sentidos de biblioteca escolar, deixando de lado uma possível neutralidade e assumindo a perspectiva ideológica e discursiva que afeta tais sentidos. O sentido é entendido sob a perspectiva da Análise do Discurso Francesa retomando uma teoria de Pêcheux (1983) revisada por Orlandi (1999) que entende esse sentido como manipulado, descolado e apropriado, seguindo condições de produção. O conceito de objeto discursivo é simplificado por Orlandi (1999) como o que faz o texto significar, retoma-se a teoria original de Pêcheux (1983) para explicar que a relação entre os objetos discursivos, como as condições de produção de determinado discurso. Mais uma vez foi estabelecido um paralelo efetivo entre a Análise do Discurso Francesa e a biblioteconomia, via a retomada de conceito.

Artigo 6	Obra Original
<p>Através da análise dos domínios semânticos e das famílias parafrásticas, o autor procura as chamadas “matrizes do sentido” e teoriza que existe uma ilusão que faz o sujeito pensar que está “na fonte do sentido”. Para explicar esta ilusão, aparecem os conceitos dos dois esquecimentos que darão conta de explicitar os procedimentos pelos quais a enunciação e a formulação do discurso assumem a aparência de original e sujeitos de si. Cruz; Romão, 2011, p. 44)</p>	<p>Constata-se, com efeito, que o sujeito pode penetrar conscientemente na zona do número 2 e que ele o faz em realidade constantemente por um retorno de seu discurso sobre si, uma antecipação de seu efeito, e pela consideração da defasagem que já introduz o discurso de um outro. Na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar "o que pensa" e formulá-lo mais adequadamente, pode-se dizer que esta zona número 2, que é a dos processos de enunciação, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente. Por oposição, o esquecimento n.1, cuja zona é inacessível ao sujeito, precisamente por esta razão aparece como constitutiva da subjetividade na língua. Desta maneira, pode-se adiantar que este recalque (tendo ao mesmo tempo como objeto o próprio processo discursivo e o interdcurso, ao qual ele se articula por relações de contradição, de submissão ou de usurpação) é de natureza inconsciente. Pêcheux, M; Fuchs, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975. p. 177.) In: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux, 1997.</p>

Tabela 7: Artigo 6 versus obra original

No artigo 6, "O cavalo de Tróia de Michel Pêcheux", não é realizado nenhum paralelo entre a Análise do Discurso Francesa e a Ciência da Informação. Trata-se de um artigo de revisão dos conceitos da Análise do Discurso Francesa feito por pesquisadores da Ciência da Informação. Sendo assim, acredita-se que o interesse em entender de fato os conceitos da Análise do Discurso Francesa de maneira mais aprofundada é um paradigma existente nos estudos da área.

Aborda-se no artigo a questão de o sujeito acreditar ser fonte única daquilo que diz e o fato dos esquecimentos discursivos permearem esta questão não a tornando legítima. É retomada a teoria de um capítulo da obra de Pêcheux traduzido por Orlandi, no qual lemos que o esquecimento número dois funciona na medida em que o sujeito tem consciência de que não é fonte daquilo que diz, mas mesmo assim tenta manipular os dizeres para legitimar a sua posição, em contraposição ao esquecimento número 1 que está no nível do inconscien-

te, ou seja, o sujeito cognitivo se apropria do dizer como seu e o processa assim.

Acreditamos que os seis quadros apresentados demonstram a possibilidade de se trabalhar a Análise de conteúdo e a Análise do discurso sem um nível hierárquico, ou seja, sem encarar a análise do discurso como uma forma de interpretar dados dentro da Análise de Conteúdo, mas sim como um arcabouço teórico independente que oferece um amplo leque de possibilidades para a Análise do conteúdo revelar os dados por conta da riqueza ideológica que o paralelo entre os artigos e a obras originais a que se referiam demonstrou.

A partir dessas análises acredita-se ser possível afirmar que o processo de legitimação da análise do discurso pelos estudos da Ciência da Informação segue um caminho profícuo na medida em que dos seis artigos analisados, quatro deles estabelecem um paralelo entre Análise do Discurso Francesa e a Biblioteconomia, via questões e problemáticas da Biblioteca Escolar, buscando soluções teóricas no rico arcabouço conceitual da Análise do Discurso Francesa.

#### 4 Conclusão

Os trabalhos indexados na base BRAPCI analisados neste artigo legitimam as teorias da análise do discurso buscando utilizá-las em reflexões teóricas sobre práticas da biblioteca escolar, de maneira geral. A apropriação do conceito é feita via citação indireta, o que deixa, às vezes, margens para interpretações equivocadas sobre o real sentido do conceito. Contudo, acreditamos que o processo de legitimação da Análise do Discurso pelos estudos da Ciência da Informação é pertinente, pois trabalha nas articulações de teorias para soluções de questões práticas no tange ao trabalho do bibliotecário escolar, por exemplo.

Desta forma, é possível dizer que a problemática do trabalho foi solucionada apoiada na reflexão com aporte da Análise de conteúdo em consonância com a Análise do discurso que trouxe um entendimento mais aprofundando sobre a teoria da Análise do Discurso por meio da criação do quadro para contrapor os conceitos da AD tratados no contexto da CI com a teoria verticalizada da Análise do Discurso Francesa.

Percebe-se que, no Brasil, os estudiosos da Ciência da Informação são os precursores da Análise do Discurso Francesa. A análise dos trabalhos nos permitiu concluir que na literatura científica da Ciência da Informação há um domínio de pesquisadores enveredados por determinados discursos e filiados a matrizes teóricas bem demarcadas.

#### Referências

- Althusser, L. P. (1998). *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7a. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1998.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

- Barros, Thiago Henrique Bragato (2014). A representação da informação Arquivística: Uma Análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos Espanhol, Canadense e Brasileiro. Marília: Universidade Estadual Paulista, 2014.
- Cruz, D. V. N.; Romão, L. M. S. (2001). Movimentos de Espinosa em Pêcheux. (2001) // InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação. 2:1 (jan./jun 2001). 31-46.
- Ferrarezi, L.; Romão, L. M. S. (2008a). O dizer dos documentos oficiais: a normatização como efeito de sentidos sobre a biblioteca escolar. (2008a) // Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina. 13:2 (jul./dez 2008). 323-346.
- Ferrarezi, L.; Romão, L. M. S. (2008b). Sentidos de biblioteca escolar no discurso da Ciência da Informação. (2008b) // Informação & Sociedade: Estudos; 18:3 (set./dez 2008) p. 29-44.
- Ferrarezi, L.; Romão, L. M. S. (2010). Nos labirintos da rede eletrônica: o silêncio na biblioteca escolar. (2010) // Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 15:2 (jul./dez. 2010) 176-193.
- Freitas, L. S. (2001). Na Teia dos Sentidos: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- Gregolin, M. R. V. A (1995). Análise do Discurso: Conceitos e aplicações. (1995) // Alfa. 39:1 (1995) 13-21.
- Henry, P. (1997). Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969) In: Gadet, F.; Hak, T. (orgs.) // Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3a. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. 1-13.
- Lima, L. M. (2015). O percurso discursivo da ciência da informação no Brasil: uma análise discursiva a partir dos periódicos ciência da informação e revista da escola de biblioteconomia da UFMG. Marília: Faculdade De Filosofia E Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2015.
- Maingueneau, D. (1997). Novas tendências em Análise do Discurso. Campinas: Pontes, 1997.
- Orlandi, E.L.P. (1999). Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- Orlandi, E.L.P. (2000). Discurso e leitura. 5a. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.
- Pereira, E.C. (2007). O “Cavalo de Tróia” de Michel Pêcheux: uma breve reflexão sobre a análise automática do discurso (2007) // Transinformação, 19:3, (set./dez. 2007) 207-218.
- Pêcheux, M; Fuchs, C. (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. 1975. // Gadet, F.; Hak, T.; Orlandi, E.P. [et al.] (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 3a. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997
- Pêcheux, M. (1983). Análise do discurso: três épocas. 1983. // In: Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux / organizadores 3.ed. Francaise Gadet; Tony Hak; tradutores Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997
- Pêcheux, M. (1994). Ler o arquivo hoje. // In: Orlandi, E. P. Gestos de Leitura: da História no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- Pêcheux, M. (2012) O discurso: estrutura ou acontecimento? Campinas: Pontes, 2012.
- Romão, L. M. S. (2009). Clarice Lispector - A hora da estrela: o discurso no panfleto da exposição. 2009 // Transinformação, 21:1, (jan./abr.2009) 77-87.
- Saussure, F. (1973). Curso de linguística geral. 5a. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
- Smiraglia, R. P. (2011). Domain coherence within Knowledge Organization: People, Interacting Theoretically, Across Geopolitical and Cultural Boundaries. // McKenzie, P.; Johnson, K.; Stevens, S. (eds.), Exploring interactions of people, places and information. Proceedings of the 39th Annual CAIS/ACSI Conference, University of New Brunswick, Fredericton, Canada, June 2-4, 2011. 1-6.

---

Copyright: © 2017 Lima and Moraes. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

---

Received: 2017-01-31 Accepted: 2017-02-13